

RELATÓRIO DA ADMINISTRAÇÃO - 2007

1. Ambiente Macroeconômico

O ano de 2007 foi marcado por um maior crescimento do PIB, acima de 5%, e um ambiente de estabilidade macroeconômica, com a inflação ficando muito perto do centro da meta, com o IPCA em 4,46%.

O aquecimento da atividade econômica gerou um aumento da inflação nos últimos meses do ano e também acarretou um maior crescimento das importações, reduzindo o superávit da balança comercial para US\$ 40 bilhões, 13,8% abaixo do ano anterior.

O quadro econômico favorável atraiu fluxos expressivos de capitais externos ao País, mantendo a tendência de apreciação do Real, com a taxa de câmbio fechando o ano em R\$ 1,77 / US\$ 1.00, a despeito das compras do Banco Central, que elevaram as reservas internacionais para US\$ 180,3 bilhões.

O superávit primário de 3,98% do PIB permitiu que a relação Dívida Líquida Interna / PIB mantivesse sua trajetória de queda, atingindo a 42,8% do PIB.

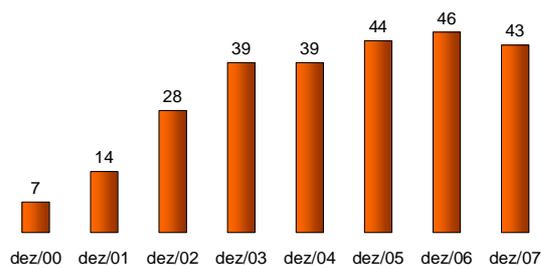
O volume de crédito total do sistema cresceu praticamente em linha com o PIB, ficando a relação crédito / PIB praticamente estável (passando de 34,3%, em 2006, para 34,7%, em 2007).

A taxa básica – SELIC – caiu de 13,25 % a.a. para 11,25%.

2. Análise Setorial - As Sociedades de Crédito ao Microempreendedor

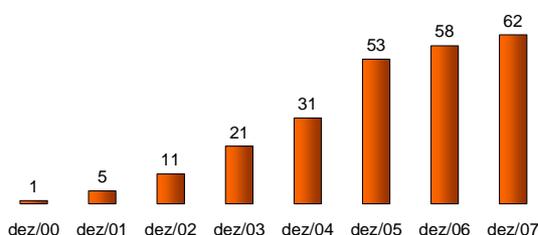
O desempenho setorial das sociedades de crédito ao microempreendedor (SCMs) foi novamente decepcionante. O número de SCMs caiu para 43, ante 46 em 2006.

**Número de SCMs
com Carteira de Crédito Ativa**



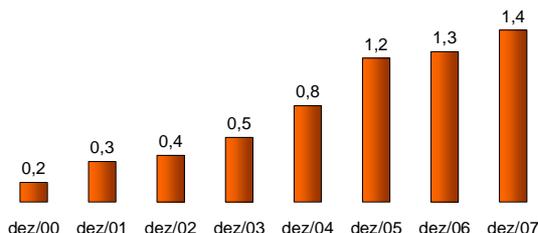
A carteira ativa das SCMs apresentou um crescimento pífio, passando de R\$ 58 milhões para R\$ 62 milhões (valor presente).

**Evolução da
Carteira Ativa Total das SCMs
(em R\$ milhões)**



O valor médio das carteiras das SCMs manteve seu ritmo de crescimento passando de R\$ 1,3 milhões para R\$ 1,4 milhões.

**Evolução da
Média da Carteira Ativa das SCMs
(em R\$ milhões)**

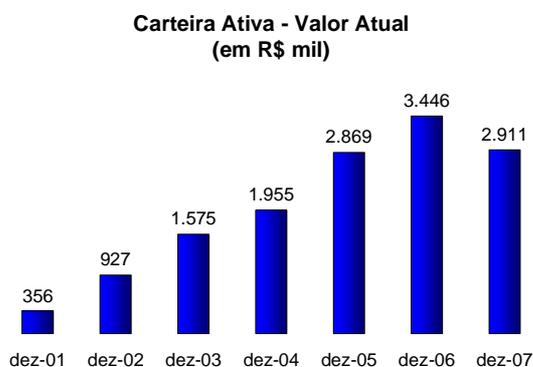


No ambiente normativo, a permissão para atender empresas de pequeno porte (Lei 11.524, de 24/09/2007) constituiu-se no maior avanço da regulamentação desde a criação das SCMs, em 1999. Entretanto, o limite operacional de risco de crédito por cliente, fixado pelo CMN em R\$ 10 mil, continua a vigorar. Faz parte do projeto do Banco Central a sua flexibilização, o que depende de aprovação de nova Resolução pelo CMN.

3. A Empresa

3.1. Carteira de Crédito

Em 2007, pela primeira vez, desde a fundação da empresa, a carteira de crédito se reduziu (queda de 15,5%). Esse resultado refletiu uma postura mais conservadora da empresa, que se manteve em compasso de espera pelas reformas das normas que regem as SCMs. De fato, a mudança das normas resultará numa mudança do seu público alvo, exigindo um redirecionamento da sua estratégia de marketing.

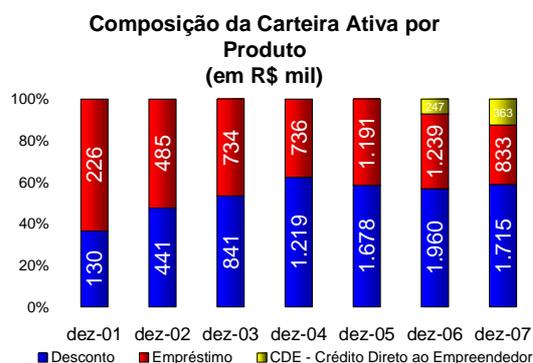


Embora a carteira ativa tenha caído, por esse critério, a Socialcred voltou à posição de quarta maior do Brasil, e manteve a posição de terceira maior do Estado do Rio de Janeiro.

O número de clientes ativos praticamente se manteve em relação a 2006, ficando na casa dos 850 clientes.

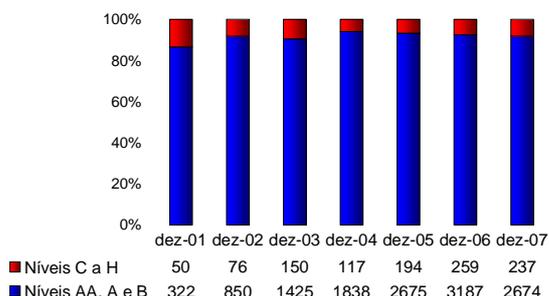


A composição da carteira ativa por produto apresentou um aumento da participação das operações de CDE – Crédito Direto ao Empreendedor, que passaram a representar 12,5% da carteira, ante a 7% em 2006. As demais operações de empréstimo tiveram sua participação diminuída para 28,6%, contra 36%, em 2006, e as operações de desconto aumentaram um pouco sua participação, atingindo 59%, 2 pontos percentuais a mais que em 2006.



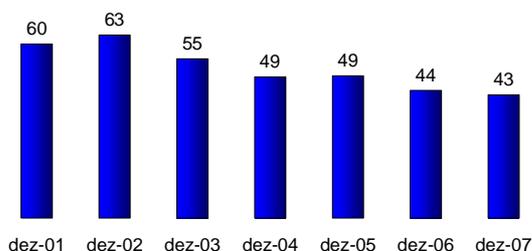
A qualidade da carteira mantém-se a níveis bastante satisfatórios, com a inadimplência permitindo que 92% da carteira seja classificada nas 3 melhores faixas de risco.

Classificação de Risco da Carteira (em R\$ mil)



A rentabilidade da carteira praticamente se manteve, apresentando o índice de 43%, ante a 44% em 2006.

Rentabilidade da Carteira (Rec. Vinc. a Op. de Crédito / Carteira Ativa Média) (em % ao ano)



3.2. Funding

3.2.1. Capital Próprio

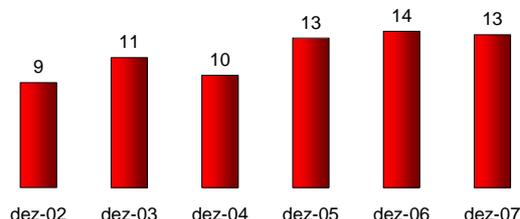
O Patrimônio Líquido aumentou 11,5% em 2007, refletindo o resultado obtido no ano. O capital próprio passou a representar 31% do ativo, diminuindo a alavancagem.

3.2.2. Capital de Terceiros

O custo do capital de terceiros voltou ao patamar de 2005, após uma elevação de 1% em 2006. A diminuição da participação de recursos do Programa de Crédito Produtivo Popular (BNDES) no passivo, que vem sendo amortizado desde 2002, é um fator que provoca uma tendência à elevação do custo dos fundos operados pela empresa. Por outro lado, a queda da taxa SELIC e um maior sucesso nas negociações com os bancos comerciais permitem a captação a custos mais baixos.

Custo do Capital de Terceiros

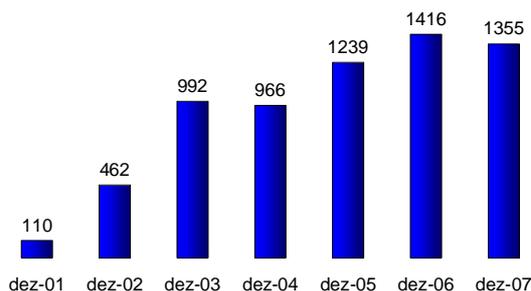
(Despesa com Juros / Capital de Terceiros Médio)
(em % ao ano)



3.3. Resultado

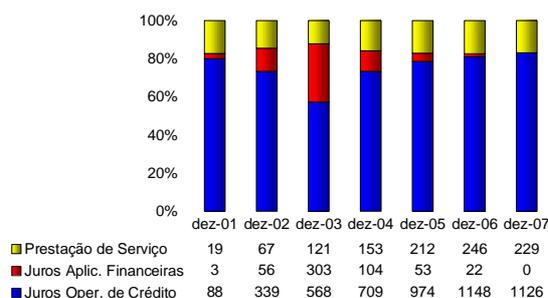
As receitas operacionais em 2007 somaram R\$ 1.355 mil, 4,3% menor que em 2006, como consequência da queda do valor da carteira ativa.

Evolução da Receita Operacional (em R\$ mil)



Analisando a composição das receitas, observa-se que não houve receita de aplicação financeira e que tanto as receitas de prestação de serviço quanto de juros de operações de crédito declinaram.

Evolução da Composição da Receita (em R\$ mil)



No que se refere às despesas, o gráfico abaixo mostra que as despesas juros na captação somaram R\$ 300 mil. Em 2006, o valor dessa rubrica foi de R\$ 325 mil. As demais despesas operacionais atingiram R\$ 947 mil, incluindo-se as despesas com juros sobre o capital próprio, que somaram R\$ 50 mil. Em 2006, essas mesmas despesas somaram R\$ 1.025 mil, sendo apenas R\$ 12 mil a título de juros sobre o capital próprio.

Composição da Despesa (em R\$ mil)



A queda das despesas com provisão para crédito de liquidação duvidosa, que caíram de R\$ 205 mil, em 2006, para R\$ 90 mil, em 2007, explica, em boa parte, essa melhora do resultado.

Não obstante a despesa com provisão tenha sido substancialmente menor, isso não significou a adoção de uma postura menos conservadora da empresa, o que pode ser observado pela pequena redução da proporção entre os estoques de valores provisionados em comparação com o valor da carteira, que caiu de 6,41%, em 2006, para 6,15% em 2007.

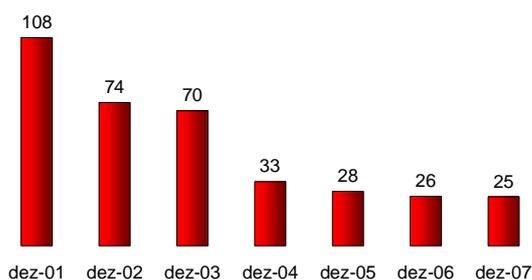
Rubens de Andrade Neto
Presidente

Como consequência da melhor administração das despesas, o indicador de eficiência em termos de custos continuou a declinar em 2007, caindo de 26% para 25% do valor da carteira ativa média.

Roberto da Silva Andrade
Vice-Presidente

Grau de Eficiência em Termos de Custos

(Despesas Administrativas / Carteira Ativa Média)
(em % ao ano)



O lucro, em 2007, foi de R\$ 98 mil, apresentando um crescimento de 128% em relação ao ano anterior. Somando-se a esse resultado os juros sobre o capital próprio, de R\$ 50 mil, pagos em 2007, o rendimento nominal dos acionistas foi de R\$ 148 mil. Considerando-se o Patrimônio Líquido Médio de R\$ 902 mil em 2007, o Retorno sobre o Patrimônio Líquido (ROE) foi de 16,4%, acentuadamente maior que os 6,6%, de 2006.